

OSCAR WILDE

O PRÍNCIPE FELIZ E OUTRAS HISTÓRIAS

Acima da cidade, em uma coluna alta, repousava a estátua do Príncipe Feliz

Ele estava inteiramente coberto com folhas finas de ouro puro; no lugar dos olhos havia duas safiras brilhantes e um rubi vermelho, enorme, ardia no punho de sua espada.

Ele era, de fato, muito admirado. “Ele é belo como a rosa dos ventos”, observou um dos conselheiros da cidade, que desejava obter reputação por seu gosto artístico; “só que não é muito útil”, acrescentou, temendo que as pessoas o considerassem pouco prático, o que ele realmente não era.

“Por que você não pode ser como o Príncipe Feliz”, perguntou a mãe, sensata, ao seu pequeno filho que suplicava por coisas impossíveis. “O Príncipe Feliz nunca suplicou por nada, nem em sonho”.

“Eu estou contente por saber que alguém no mundo que é feliz”, murmurou o homem frustrado assim que se deparou com a maravilhosa estátua.

“Ele se parece com um anjo”, disseram as Crianças Caridosas, e tão logo saíram da catedral em seus mantos escarlate brilhantes e aventais brancos muito limpos.

“Como vocês podem saber?”, disse o Professor de Matemática, “se vocês nunca viram um?”

“Ah, mas nós vemos, em nossos sonhos”, responderam as crianças; e o Professor de Matemática franziu as sobrancelhas num olhar severo, porque ele não aprovava o que as crianças sonhassem.

Certa noite, uma Andorinha sobrevoou a cidade.

Seus amigos tinham ido ao Egito seis semanas antes, mas ele ficou para trás, por estar apaixonado pelo mais belo Junco que encontrara no começo da primavera, quando voava rio abaixo atrás de uma imensa mariposa amarela. Ele se sentiu tão atraído por sua cintura delgada que teve que parar para conversar.

“Eu poderia amá-la?”, disse a Andorinha, que gostava de ir direto ao ponto, e Junco curvou-se, numa pequena saudação. Então ele voou várias vezes em torno dela, tocando a água com suas asas, provocando ondulações prateadas. Essa era sua maneira de cortejá-la, e ele assim o fez durante todo o verão.

“Trata-se de uma fixação ridícula”, gorjearam as outras Andorinhas; “ela não tem dinheiro algum, e além do mais, tem um monte de parentes”, e, de fato, o rio estava completamente lotado de juncos. Então, quando chegou o outono, todas as andorinhas voaram para longe.

Depois que elas partiram ele sentiu-se só, e começou a cansar-se de sua amada. “Ela não tem assunto”, disse ele, “e estou com medo de que seja leviana, por estar sempre flertando com o vento”.

E, de fato, sempre que o vento soprava, Junco fazia as mais graciosas reverências. “Eu aceito que ela seja caseira”, prosseguiu, “mas amo viajar e minha esposa, conseqüentemente, também deve amar as viagens”.

“Você iria embora comigo?”, disse ele, finalmente, mas Junco balançou a cabeça, estava presa demais em sua própria casa.

“Você esteve brincando comigo”, ele lamentou. “Vou para as pirâmides. Adeus”, e voou para longe.

Ele voou durante todo o dia e ao cair da noite alcançou a cidade. “Onde poderei me hospedar?”, disse, “espero que a cidade tenha feito os preparativos”.

Então avistou a estátua sobre a alta coluna.

“Eu me hospedarei lá”, exclamou; “é um bom lugar, repleto de ar fresco”.

Assim, ele pousou entre os pés do Príncipe Feliz

“Tenho uma cama de ouro”, disse suavemente para si mesmo ao olhar em volta, e preparou-se para dormir. Mas, tão logo acomodou a cabeça sob a asa, uma espessa gota-d’água caiu sobre ele.

“Que coisa interessante!” exclamou; “não há uma única nuvem no céu, as estrelas estão perfeitamente claras e brilhantes, e ainda assim chove. O clima do norte da Europa é mesmo espantoso. Junco costumava gostar da chuva, mas é puro egoísmo da parte dela.”

Então outra gota caiu.

“Qual a utilidade de uma estátua se ela não pode nos proteger da chuva?”, disse ele.

“Devo procurar por uma boa cobertura de chaminé”, e decidiu ir embora.

Mas antes de ter aberto as asas, a terceira gota caiu; ele olhou para cima e então viu. Ah! E o que ele viu?

Os olhos do Príncipe Feliz estavam repletos de lágrimas, e lágrimas escorriam de sua face dourada. Seu rosto estava tão belo sob a luz da lua que Andorinha encheu-se de pena.

“Quem é você?”, disse ele.

“Sou o Príncipe Feliz”.

“Então por que choras?”, perguntou Andorinha, “você me deixou encharcado”.

“Quando eu estava vivo e possuía um coração humano”, respondeu a estátua, “eu não conhecia lágrimas, porque vivia no Palácio de Sans-Souci- 1, onde a tristeza não pode entrar. Durante o dia eu jogava no jardim com meus companheiros e à noite eu conduzia a dança no grande salão. Ao redor do jardim erguia-se um muro grandioso, imponente, mas eu nunca me preocupei em perguntar o que havia além dele, porque tudo em minha vida era belo. Meus cortesãos chamavam-me de Príncipe Feliz, e eu era mesmo feliz, se prazer for felicidade. Assim vivi, até a morte. E agora que estou morto me puseram aqui no alto de onde posso avistar toda a feiura e a miséria de minha cidade, e ainda que meu coração seja moldado em chumbo, não tenho escolha a não ser chorar”.

“Quê? Ele não é feito de ouro maciço?”, disse Andorinha para si mesmo, pois era educado demais para emitir qualquer tipo de opinião pessoal em voz alta.

“Longe daqui”, prosseguiu a estátua, numa voz baixa e melodiosa, “longe daqui, em uma pequena rua, existe uma casa pobre. Uma das janelas está aberta e através dela posso ver uma mulher sentada à mesa. Seu rosto é frio e macilento, suas mãos são vermelhas e ásperas, com muitas picadas de agulhas, por ser costureira. Ela está bordando flores de maracujá em um vestido de cetim para a dama de honra preferida da rainha usar no próximo baile da Corte”.

“Numa cama no canto do quarto seu pequeno filho está deitado, enfermo. Está febril e pede que lhe deem laranjas. Sua mãe não tem nada a lhe oferecer além da água do rio, e por isso ele chora. Andorinha, Andorinha, pequeno Andorinha, você não poderia levar a ela o rubi que está no cabo de minha espada? Meus pés estão presos neste pedestal e não posso me mover”.

“Esperam por mim no Egito”, disse Andorinha. “Meus amigos voam por todo o Nilo e conversam com as enormes flores-de-lótus. Em breve eles dormirão na tumba do grande rei. O próprio rei está pintado no esquife. Está envolto em linho amarelo, embalsamado com especiarias. Em torno do pescoço há uma corrente de jade verde pálido, e suas mãos são como folhas secas”.

“Andorinha, Andorinha, pequeno Andorinha”, disse o Príncipe, “você não poderia ficar comigo apenas por uma noite e ser meu mensageiro? O menino tem muita sede e a mãe está tão triste”.

“Eu não sei se gosto de meninos”, respondeu Andorinha. “No último verão, quando estava no rio, havia dois garotos grosseiros; eram irmãos e atiravam pedras em mim. Nunca me acertaram, naturalmente, nós andorinhas voamos bem demais, e além disso, eu venho de uma família famosa pela habilidade; mas ainda assim isso demonstra desrespeito”.

Mas o Príncipe Feliz parecia muito triste e Andorinha arrependeu-se.

“Está muito frio aqui”, ele disse; “mas eu ficarei com você por uma noite, e serei seu mensageiro”.

“Muito obrigado, pequeno Andorinha”, disse o Príncipe.

Então Andorinha removeu da espada o grande rubi e voou, carregando-o no bico, por sobre os telhados da cidade.

Passou pela torre da catedral, onde estavam esculpido os anjos de mármore branco. Passou pelo palácio e ouviu os sons da dança. Uma bela jovem veio à sacada com seu amado.

“Como são maravilhosas as estrelas”, ele disse a ela, “e como é maravilhosa a força do amor!”.

“Eu espero que meu vestido esteja pronto a tempo para o Baile da Corte”, disse ela. “Ordenei que fossem bordadas flores-de-maracujá, mas a costureira é tão preguiçosa”.

Passou pelo rio e viu as lanternas penduradas nos mastros dos barcos. Passou pelo gueto e viu os velhos judeus barganhando entre si, pesando dinheiro em balanças de cobre. Por fim chegou à casa pobre e olhou para dentro. Na cama, o menino agitava-se, febril, e sua mãe havia caído no sono, de tanto cansaço. Num salto, ele pousou o grande rubi na mesa, perto do dedal. Então voou gentilmente ao redor da cama, abanando as asas na frente do menino.

“Como eu me sinto refrescado”, disse o garoto, “devo estar melhorando”; e mergulhou num sono gostoso.

Assim, Andorinha voou de volta para o Príncipe Feliz, e contou a ele o que havia feito.

“Curioso”, reparou, “mas eu me sinto aquecido agora, apesar de estar tão frio”.

“Isso é porque você fez uma boa ação”, disse o Príncipe.

Andorinha começou a pensar e logo se sentiu sonolento, pois pensar sempre lhe dava sono.

Quando o dia amanheceu, ele voou para o rio e banhou-se.

“Que fenômeno notável”, disse o Professor de Ornitologia enquanto atravessava a ponte. “Uma Andorinha no inverno!”. E escreveu um longo artigo sobre o fato no jornal da cidade. Todos notaram o artigo, repleto de palavras que ninguém entendia.

“Esta noite parto para o Egito”, disse Andorinha, extremamente animado com a perspectiva. Visitou todos os monumentos públicos e passou longo tempo no alto da torre da igreja. Onde quer que fosse, os pardais gorjeavam e diziam entre si, “Que visitante ilustre!”, e ele se divertia. Quando surgiu a lua, voou de volta pra o Príncipe Feliz

“Você tem alguma recomendação para o Egito?”, exclamou, “pois estou partindo”.

“Andorinha, Andorinha, pequeno Andorinha”, disse o Príncipe, “você não ficará comigo a noite toda?”.

“Esperam por mim no Egito”, respondeu Andorinha. “Amanhã meus amigos voarão por sobre a segunda catarata. Ali, o hipopótamo deita-se entre os juncos e num grande trono de granito está sentado o deus Memnon. Durante toda a noite ele observa as estrelas e quando brilha a estrela da manhã, solta um brado de satisfação e silencia. Ao meio-dia os leões dourados vêm à beira-d'água para matar a sede. Seus olhos parecem berilos verdes e o rugido é mais potente que o estrondo da catarata”.

“Andorinha, Andorinha, pequeno Andorinha”, disse o Príncipe, “longe, cruzando a cidade, vejo um jovem num sótão. Está inclinado sobre uma escrivaninha coberta de papéis e num copo a seu lado está um ramalhete de violetas murchas. Seu cabelo é castanho e ondulado, os lábios são rubros como romã e ele possui grandes olhos sonhadores. Ele tenta terminar uma peça para o Diretor do Teatro, mas está com muito frio para poder continuar. Não há fogo na grelha e a fome o fez desmaiar”.

“Ficarei com você por mais uma noite”, disse Andorinha, que tinha um coração realmente bom. “Devo levar a ele outro rubi?”.

“Ai de mim! Agora não tenho mais nenhum rubi”, disse o Príncipe, “meus olhos são a única coisa que me resta. Eles são feitos de safiras raras, trazidas da Índia há milhares de anos atrás. Arranque um deles e dê ao jovem. Ele o venderá a algum joalheiro, então poderá comprar comida e lenha e terminar a peça”.

“Querido Príncipe”, disse Andorinha, “eu não posso fazer isso”, e começou a chorar.

“Andorinha, Andorinha, pequeno Andorinha”, disse o Príncipe, “assim eu te ordeno”.

Então Andorinha arrancou o olho do Príncipe e voou para o sótão do estudante. Foi bem fácil entrar, pois havia um buraco no telhado. Atirou-se por ele e entrou no quarto. O jovem tinha a cabeça enterrada entre as mãos, por isso não ouviu o esvoaçar das asas do pássaro, e quando ergueu os olhos, viu a bela safira repousando sobre as violetas murchas.

“Eu começo a ser apreciado”, exclamou, “isso veio de um grande admirador. Agora posso concluir minha peça”, e parecia completamente feliz.

No dia seguinte Andorinha voou até o porto. Sentou-se no mastro de um grande navio e observou os marinheiros puxarem com uma corda grandes arcas de dentro de um porão.

“Ergue, ó de bordo!”, gritavam a cada caixote içado.

“Eu vou para o Egito”, gritava Andorinha, mas ninguém se importava, e quando a lua surgiu, voou ao encontro do Príncipe Feliz.

“Vim para dar-lhe adeus”, exclamou.

“Andorinha, Andorinha, pequeno Andorinha”, disse o Príncipe, “você não ficaria comigo a noite toda?”.

“É inverno”, respondeu Andorinha, “e a neve gelada logo chegará. No Egito, o sol aquece as palmeiras verdejantes e os crocodilos deitam-se na lama, preguiçosos. Meus companheiros fazem ninhos no Templo de Baalbec e as pombas rosas e brancas os observam, arrulhando uma com as outras”. “Querido Príncipe, preciso deixá-lo, mas nunca o esquecerei, e na próxima primavera trarei duas belas jóias no lugar daquelas que você ofertou. O rubi será mais rubro que a rosa vermelha e a safira será tão azul quanto o oceano”.

“Na praça, logo abaixo”, disse o Príncipe, “encontra-se uma pequena menina dos fósforos. Ela deixou os fósforos caírem na sarjeta e agora eles estão estragados. Apanhará do pai se não levar nenhum dinheiro para casa, por isso está chorando. Ela não tem meias ou sapatos e a cabecinha está descoberta. Arranque meu outro olho e dê a ela, para que não apanhe do pai”.

“Permanecerei contigo por mais uma noite”, disse Andorinha, “mas não posso arrancar-lhe o olho. Ficará completamente cego se eu o fizer”.

“Andorinha, Andorinha, pequeno Andorinha”, disse o Príncipe, “assim eu te ordeno”.

Então ele arrancou o outro olho do Príncipe e voou como um dardo para baixo. Desceu sobre a menina dos fósforos e deslizou a joia na palma de sua mão.

“Que belo pedacinho de vidro”, exultou a menininha, e correu para casa, rindo.

Então Andorinha retornou ao Príncipe: “Você está cego agora”, disse, “por isso ficarei com você para sempre”.

“Não, pequeno Andorinha”, disse o pobre Príncipe, “você deve ir embora para o Egito”.

“Ficarei sempre com você”, disse Andorinha, e dormiu aos pés do Príncipe.

No dia seguinte ele sentou-se no ombro do Príncipe e contou-lhe histórias sobre o que vira em terras estrangeiras. Contou-lhe sobre íbis vermelhos, que ficam enfileirados nos bancos de areia do Nilo, apanhando peixes dourados com os bicos. Falou-lhe sobre a esfinge, que é tão antiga quanto o próprio mundo, vive no deserto e tudo sabe; sobre os mercadores, que caminham lentamente ao lado de seus camelos, carregando contas âmbar nas mãos. Contou-lhe sobre o Rei das Montanhas da Lua, negro como o ébano, e que venera um imenso cristal; sobre a grande serpente verde que dorme numa palmeira e possui vinte sacerdotes para alimentá-la com bolos de mel. Sobre os pigmeus que velejam o grande lago sobre amplas folhas planas e estão sempre em guerra com as borboletas.

“Querido Andorinha”, disse o Príncipe, “você me contou a respeito de coisas espantosas, porém mais espantoso que tudo é o sofrimento de homens e mulheres. Não há mistério tão grande quanto a miséria. Voe por sobre minha cidade, pequeno Andorinha, e diga-me o que você avista por lá”.

Então Andorinha sobrevoou a grande cidade, e viu os ricos se divertindo em suas belas casas enquanto mendigos sentavam-se nos portões. Voou por becos escuros e viu as faces lívidas das crianças famintas olhando indiferentes e desanimadas nas ruas sombrias. Sob o arco da ponte, dois pequenos garotos deitavam-se nos braços um do outro, tentando se manterem aquecidos.

“Como estão famintos!”, disse Andorinha.

“Vocês não podem se deitar aqui”, gritou o guarda, e eles vagaram pela chuva afora.

Então Andorinha retornou e contou ao Príncipe o que havia visto.

“Eu estou coberto de puro ouro”, disse o Príncipe, “você deve retirá-lo, folha por folha, e dá-lo aos pobres. Os vivos sempre acham que o ouro pode fazê-los felizes”.

Folha por folha do refinado ouro Andorinha retirou, até o Príncipe tornar-se completamente tosco e cinzento. Folha por folha do refinado ouro ele entregou aos pobres, e as faces das crianças se tornaram mais rosadas, elas riam e brincavam nas ruas.

“Temos pão agora!”, exultavam.

Veio a neve e em seguida, a geada. As ruas pareciam feitas de prata de tão brilhantes e resplandecentes; longos pingentes de gelo, como punhais de cristal, penduravam-se nos beirais das casas; as pessoas cobriam-se de peles; menininhos usavam gorros escarlates e deslizavam sobre o gelo.

O pobre e pequeno Andorinha estava cada vez mais gelado, mas não poderia abandonar o Príncipe, pois o amava muito. Colhia migalhas na frente da padaria quando o padeiro não estava olhando e batia as asas na tentativa de manter-se aquecido. Por fim, ele percebeu que estava morrendo. Só teve forças para voar até o ombro do Príncipe mais uma vez.

“Adeus, querido Príncipe”, murmurou, “você me permitiria beijar sua mão?”.

“Estou contente em saber que você finalmente voará para o Egito, pequeno Andorinha”, disse o Príncipe. “Você ficou por aqui por tempo demais; mas deve beijar-me nos lábios, pois eu o amo”.

“Não é para o Egito que estou partindo”, disse Andorinha, “estou indo para a Morada da Morte. A Morte é irmã do sono, não é?”.

Beijou o Príncipe Feliz nos lábios e caiu morto a seus pés.

Nesse momento um estranho barulho ecoou do interior da estátua, como se algo tivesse se quebrado. De fato, o coração de chumbo partira-se em dois. Fazia, sem dúvida, um frio tremendamente severo.

Logo cedo, na manhã seguinte, o Prefeito caminhava na companhia do Conselheiro da Cidade. Ao passar pela coluna, olhou para a estátua: “Meu Deus! Como o Príncipe Feliz parece acabado!”, disse ele.

“Deveras acabado!”, exclamou o Conselheiro da Cidade, que sempre concordava com o Prefeito, e puseram-se a olhá-la.

“O rubi desprendeu-se da espada, os olhos se foram, e ele não está mais dourado”, disse o Prefeito. “Na verdade, ele parece pouco melhor que um mendigo!”.

“Pouco melhor que um mendigo”, replicou o Conselheiro.

“E há até mesmo um pássaro morto a seus pés!”, prosseguiu o Prefeito. “Nós precisamos mesmo editar uma proclamação proibindo pássaros de morrerem aqui”. E o Escrevente da cidade redigiu uma nota com a sugestão.

Então derrubaram a estátua do Príncipe Feliz.

“Como ele perdeu a beleza, perdeu também a utilidade”, disse o Professor de Arte da Universidade.

Derreteram a estátua na fornalha e o Prefeito convocou uma reunião da Corporação para decidir o que seria feito com o metal.

“Nós precisamos de outra estátua, naturalmente”, disse ele, “e deve ser uma estátua de mim mesmo”.

“De mim!”, disseram cada um dos Conselheiros da Cidade, e começaram a discutir. Da última vez que ouvi falar deles, ainda estavam discutindo.

“Que coisa estranha!”, disse o inspetor dos operários da fundição. “Esse coração partido de chumbo não permite ser derretido na fornalha. Devemos atirá-lo fora”. Então eles o arremessaram em um monte de poeira, no lugar em que jazia o Andorinha.

“Traga-me as duas coisas mais preciosas da cidade”, disse Deus a um de seus Anjos, e o Anjo trouxe-Lhe o coração de chumbo e o pássaro morto.

“Você fez a escolha mais acertada”, disse Deus, “pois em meu jardim no Paraíso esse pequeno pássaro deverá cantar para sempre, e em minha cidade de ouro o Príncipe Feliz deverá louvar-me”.

FIM

“Ela disse que dançaria comigo se eu lhe trouxesse rosas vermelhas”, exclamou o jovem Estudante, “mas em todo o meu jardim não tem uma única rosa vermelha”.

Do seu ninho, na árvore de carvalho, a Rouxinol o ouviu, e olhou por entre as folhas, curiosa.

“Nem uma única rosa vermelha em todo o jardim”, lamentou-se o jovem, e seus belos olhos encheram-se de lágrimas. “Ah! Como a felicidade depende de coisas tão simples! Eu li tudo o que os sábios escreveram, e possuo todos os segredos da filosofia, ainda assim, por desejar uma rosa vermelha, minha vida foi arruinada”.

“Aqui, finalmente, está um verdadeiro apaixonado!”, disse a Rouxinol. “Noite após noite tenho cantado a respeito dele, apesar de não conhecê-lo: noite após noite contei sua história para as estrelas, e agora eu o vejo. Seus cabelos são negros como o jacinto em flor e seus lábios são rubros como as rosas que deseja; mas a paixão tornou-lhe a face pálida como o marfim e a tristeza marcam-lhe a fronte”.

“O Príncipe promoverá um baile amanhã à noite”, murmurou o jovem estudante, “e minha amada estará sem companhia. Se eu levasse a ela uma rosa vermelha, ela dançaria comigo até o amanhecer. Se eu levasse a ela uma rosa vermelha, poderia envolvê-la em meus braços; ela repousaria a cabeça em meu ombro e sua mão ficaria presa à minha. Mas não existe uma única rosa vermelha em meu jardim, por isso me sentarei sozinho no baile, e ela passará reto por mim. Não irá reparar em mim, e isso partirá meu coração”.

“Trata-se mesmo de um verdadeiro apaixonado”, disse a Rouxinol. “O que eu canto, ele sofre; o que para mim é diversão, para ele é dor. Certamente o Amor é uma coisa maravilhosa. Tem mais valor que as esmeraldas e é mais desejado que preciosas e refinadas pedrarias de opala. Pérolas e romãs não podem comprá-lo, ainda que ele esteja exposto no mercado. Ele não pode ser adquirido por mercadores, nem pode ser vendido a peso de ouro”.

“Os músicos se sentarão em seus lugares”, disse o jovem Estudante, “e tocarão seus instrumentos de corda, e minha amada dançará ao som de harpas e violinos. Ela dançará com tanta leveza que seus pés não tocarão o piso, e as cortesãs em seus alegres vestidos se reunirão em torno dela. Mas comigo ela não dançará, porque não tenho uma rosa vermelha para oferecer-lhe”, e atirando-se na relva, escondeu a face entre as mãos e chorou.

“Por que ele chora?”, perguntou a pequena lagartixa verde ao passar correndo, com a cauda erguida, ao lado do jovem.

“Por que, de fato?”, disse a Borboleta, que esvoaçava por perto seguindo um raio de sol.

“Por que, na verdade?”, sussurrou a Margarida ao seu vizinho, numa voz baixa e suave.

“Ele chora por uma rosa vermelha”, disse a Rouxinol.

“Por uma rosa vermelha?”, exclamaram, “que ridículo!”, e a pequena lagartixa, que era um pouco cínica, riu bem alto.

Mas a Rouxinol compreendeu o segredo da tristeza do Estudante e, sentada num ramo de carvalho, meditou a respeito do mistério do Amor.

Subitamente, estendeu as asas castanhas para voar e ergueu-se nos ares. Passou pelo bosque como uma sombra, e como uma sombra voou através do jardim.

No centro do canteiro de grama havia uma bela roseira e quando a Rouxinol a viu, voou em sua direção, pousando em um dos ramos.

“Dê-me uma rosa vermelha”, clamou, “e eu cantarei para você minha mais doce melodia”.

Mas a Roseira meneou a cabeça.

“Minhas rosas são brancas”, respondeu, “tão brancas quanto a espuma do mar e mais brancas que a neve sobre a montanha. Porém, vá até meu irmão que cresce perto do relógio de sol e talvez ele dê o que você deseja”.

Sendo assim, a Rouxinol sobrevoou a roseira que crescia próxima ao antigo relógio de sol.

“Dê-me uma rosa vermelha”; ela clamou, “e eu cantarei para você minha mais doce melodia”.

Mas a Roseira meneou a cabeça.

“Minhas rosas são amarelas”, respondeu, “tão amarelas quanto os cabelos das sereias que se sentam no trono âmbar e mais amarelas que o narciso em flor na campina antes que o ceifador venha com sua foice. Porém, vá até meu irmão que cresce abaixo da janela do Estudante, e talvez ele dê o que você deseja”.

Sendo assim, a Rouxinol sobrevoou a roseira que crescia abaixo da janela do Estudante.

“Dê-me uma rosa vermelha”, ela clamou, “e eu cantarei para você minha mais doce melodia”. E meneou a cabeça.

“Minhas rosas são vermelhas”, respondeu, “tão vermelhas quanto os pés das pombas e mais vermelhas que os grandes leques de corais que ondulam e ondulam na caverna oceânica. Mas o inverno resfriou minhas veias e a geada queimou meus botões, a tempestade quebrou meus galhos e eu não terei rosas este ano”.

“Uma única rosa vermelha, é tudo o que eu quero”, lamentou a Rouxinol. “Apenas uma rosa vermelha! Não existe nenhuma maneira de consegui-la?”.

“Existe uma”, respondeu a Roseira, “mas é tão terrível que eu não tenho coragem de contá-la a você?”.

“Conte para mim”, disse a Rouxinol, “eu não tenho medo”.

“Se quiser uma rosa vermelha”, disse a Roseira, “deverá forjá-la com música à luz da lua e tingi-la com o sangue de seu próprio coração. Deverá cantar para mim com um espinho fincado no peito. Durante toda a noite você deverá cantar para mim, e o espinho deverá furar seu coração; seu sangue vital deverá fluir para minhas veias, e tornar-se meu”.

“A Morte é um preço alto a ser pago por uma rosa vermelha”, lamentou-se a Rouxinol, “e a vida é cara a todos. É prazeroso pousar na floresta verde e observar o sol em sua carruagem de fogo, e a lua em sua carruagem de pérolas. Doce é o aroma da pequena roseira e doces são as campânulas que se escondem no vale e a urze que floresce na colina. Ainda assim o Amor é melhor que a vida, e o que é o coração de um pássaro comparado ao coração de um homem?”.

Então ela abriu as asas castanhas para voar, e lançou-se nos ares. Sobrevoou o jardim como uma sombra, e como uma sombra flutuou através do bosque.

O jovem Estudante permanecia deitado na relva, onde ela o deixara, e as lágrimas em seus belos olhos ainda não haviam secado.

“Alegre-se”, gritou a Rouxinol, “alegre-se, você terá sua rosa vermelha. Eu a forjarei com minha música à luz da lua, e a tingirei com o sangue de meu próprio coração. Tudo o que eu peço em troca é que você seja um amante sincero, porque o Amor é mais sábio que a Filosofia, ainda que esta seja sábia, e mais poderoso que a Força, ainda que esta seja poderosa. Suas asas têm a cor do fogo, e rubro como as chamas é o seu corpo. Seus lábios são doces como o mel, e seu hálito é como um incenso”.

O Estudante olhou acima da relva e ouviu, mas não pôde compreender o que a Rouxinol lhe dizia, pois conhecia apenas o que estava escrito nos livros.

Mas a árvore de Carvalho compreendeu e entristeceu-se, pois havia se tornado íntimo da Rouxinol, que fizera o ninho em seus galhos.

“Cante-me uma última canção”, sussurrou, “eu me sentirei muito só quando você partir”.

E a Rouxinol cantou para o Carvalho, e sua voz lembrava o murmúrio da água fluindo de um jarro de prata.

Quando ela terminou a canção, o Estudante levantou-se e puxou do bolso um lápis e um caderno de notas.

“Ela tem estilo”, disse para si mesmo enquanto caminhava pelo bosque, “isso não se pode negar, mas será que ela tem sentimentos? Temo que não. Na verdade, ela é como a maioria dos artistas: possui toda a técnica, mas não há sinceridade. Não se sacrificaria pelos outros, pois se preocupa apenas com a música, e todos sabem que a arte é egoísta. Ainda assim, é preciso admitir que ela atinge belas notas com a voz. É pena que isso não signifique nada, nem faça algo de bom na prática”.

Então ele entrou em seu quarto, deitou-se na pequena cama e começou a pensar em seu amor. Depois de um tempo, caiu no sono.

Quando a lua resplandeceu no céu, a Rouxinol voou para a roseira e pôs o peito contra o espinho. Por toda a noite ela cantou com o espinho cravado no peito, e a fria lua de cristal inclinou-se para ouvi-la. Durante toda a noite ela cantou, e o espinho cravou-se cada vez mais fundo em seu peito, enquanto esvaía-se o sangue vital.

Primeiro cantou o nascimento do amor no coração de um rapaz e de uma moça. E no topo do ramo mais alto da Roseira floresceu uma rosa esplêndida, pétala por pétala, como uma canção era seguida de outra. Pálida, no início, como a bruma que paira sobre o rio; pálida como os pés da manhã e prateada como as asas do amanhecer. Como a imagem de uma rosa refletida num espelho de prata, como a imagem de uma rosa em uma pequena lagoa, assim era a rosa que floresceu no ramo mais alto da Roseira.

Mas a Roseira suplicou à Rouxinol que apertasse mais o peito contra o espinho.

“Aperte mais, pequena Rouxinol”, clamou a roseira, “ou o dia romperá antes que a rosa esteja pronta”.

Então a Rouxinol forçou ainda mais o peito na direção do espinho, e sua música cresceu mais e mais alta, porque ela cantava o amor que nascia na alma de um homem e de uma mulher.

Um delicado rubor rosado surgiu entre as folhas da rosa, como o rubor na face do noivo ao beijar os lábios da noiva. Porém, o espinho ainda não atingira o coração, e assim o coração da rosa permanecia branco, pois apenas o sangue do coração de um rouxinol pode tingir de vermelho o coração de uma rosa.

A Roseira suplicou à Rouxinol que apertasse ainda mais o peito contra o espinho.

“Aperte mais, pequena Rouxinol”, clamou a Roseira, “ou o dia romperá antes que a rosa esteja pronta”.

Então a Rouxinol aproximou-se ainda mais, o espinho tocou seu coração e ela sentiu uma pontada de dor aguda. Mais e mais penetrante era a dor, e a música crescia mais e mais impetuosa, pois ela cantava o Amor sublimado pela Morte, o Amor que não morre no sepulcro.

E a rosa esplêndida tingiu-se de rubro, como a rosa do firmamento do firmamento. Rubro era o anel de pétalas; rubro como o rubi era o coração.

Mas a voz da Rouxinol tornou-se fraca, suas pequenas asas começaram a bater e um véu cobriu seus olhos. Mais e mais fraca tornou-se a música e ela sentiu alguma coisa asfixiando-lhe a garganta.

Com isso, sua música irrompeu uma última vez. A lua branca a ouviu e esquecendo-se da alvorada, demorou-se no céu. A rosa vermelha a ouviu, e estremeceu inteira em êxtase, abrindo as pétalas para o ar frio da manhã. Eco levou o canto até sua caverna púrpura nas colinas, despertando os pastores de seus sonhos. A melodia flutuou através dos juncos do rio, que levou a mensagem até o mar.

“Olhe, olhe!”, exclamou a Roseira, “a rosa está pronta agora”; mas a Rouxinol não deu resposta, pois jazia morta na relva alta, com o espinho cravado em seu coração.

Ao meio-dia o Estudante abriu a janela e olhou ao redor.

“Nossa, que grande golpe de sorte!”, exultou, “aqui está a rosa vermelha! Eu nunca vi uma rosa como esta em toda a minha vida. Ela é tão linda que eu garanto que seu nome científico é imenso”. Inclinou-se e apanhou a rosa.

Então, pôs o chapéu e correu até a casa do Professor, segurando a rosa.

A filha do Professor estava sentada à porta, enrolando fios de seda azuis em um carretel, e seu pequeno cachorro deitava-se a seus pés.

“Disse que dançaria comigo se eu lhe trouxesse uma rosa vermelha”, clamou o Estudante, “aqui está a rosa mais vermelha de todo o mundo. Você a usará esta noite, próxima ao coração, e enquanto estivermos juntos, dançando, ela lhe dirá o quanto eu a amo”.

Mas a garota aborreceu-se.

“Temo que essa rosa não combine com meu vestido”, respondeu, “além do mais, o sobrinho do Camarista enviou-me joias verdadeiras, e todos sabem que joias são muito mais caras que flores”.

“Bem, no meu entender, você é muito ingrata”, disse, furioso, o Estudante e atirou a rosa na calçada. Ela caiu na sarjeta e foi esmagada por uma carroça.

“Ingrato!”, disse a moça. “Vou dizer-lhe o que você é, você é muito grosseiro e, além do mais, quem é você? Apenas um Estudante. Porque eu não acredito nem que seus sapatos tenham fivelas de prata, como as do sobrinho do Camarista”.

Ela levantou-se da cadeira e entrou na casa.

“Que coisa estúpida é o Amor”, disse o Estudante enquanto caminhava. “Não tem nem metade da utilidade da Lógica, porque não prova nada e está sempre dizendo às pessoas coisas que não vão acontecer, fazendo-as acreditar em coisas que não são verdadeiras. Na verdade, é completamente inútil, e, nos dias de hoje, ser útil é tudo. Voltarei à Filosofia e ao estudo da Metafísica”.

Sendo assim, ele retornou ao quarto, puxou um livro empoeirado e começou a ler.

FIM

O GIGANTE EGOÍSTA

Todas as tardes, ao voltarem da escola, as crianças costumavam brincar no jardim do Gigante. Era um jardim grande e adorável, com grama verde e macia. Aqui e ali, por entre a grama, havia belas flores, iguais às estrelas. Havia doze pessegueiros que na estação primaveril irrompiam em delicados botões rosados e perolados, e, no outono, ficavam carregados de frutas saborosas. Os pássaros pousavam nas árvores e cantavam tão docemente que as crianças costumavam interromper seus jogos para ouvi-los. “Como somos felizes aqui!”, elas diziam umas às outras.

Um dia o Gigante retornou. Ele tinha ido visitar um amigo, o Ogro da Cornualha, e ficado com ele por sete anos. Passados os sete anos, o Gigante já havia conversado sobre tudo o que sabia, pois seus assuntos eram limitados, e então resolveu voltar ao seu próprio castelo. Ao chegar, viu as crianças brincando no jardim.

“O que vocês fazem no meu jardim?”, gritou com voz áspera, e as crianças fugiram para longe.

“Meu jardim é meu jardim”, disse o Gigante, “qualquer um pode entender isso, e eu não permitirei que ninguém brinque nele além de mim”.

Sendo assim, ergueu um muro alto ao redor de todo o jardim, e afixou uma placa:

INVASORES
SERÃO
PROCESSADOS

Tratava-se de um Gigante bem egoísta.

As pobres crianças não tinham onde brincar. Tentaram brincar na rua, mas a rua estava muito empoeirada e cheia de pedras duras, e elas não gostaram. Costumavam perambular entorno do muro alto quando as aulas acabavam e de conversar a respeito do lindo jardim que havia dentro dele.

“Como nós éramos felizes lá”, diziam entre si.

Então veio a primavera, e por todo o país havia pequenas floradas e passarinhos. Apenas no jardim do Gigante Egoísta ainda era inverno. Os pássaros não se preocupavam em cantar lá, pois não havia crianças, e as árvores esqueceram-se de florescer. Apenas uma pequenina flor pôs a cabeça para fora da grama, mas quando viu a placa com o aviso ficou tão triste pelas crianças que escorregou para a terra novamente, voltando a dormir. As únicas pessoas satisfeitas eram a Neve e a Geada.

“A primavera esqueceu-se desse jardim”, exclamaram, “assim sendo nós moraremos aqui durante todo o ano”.

A Neve cobriu a grama com seu grande manto branco, e a Geada tingiu as árvores de prata. E então convidaram o Vento do Norte para ficar com elas, e ele veio. Estava envolto em peles e rugiu durante todo o dia sobre o jardim, derrubando as coberturas das chaminés.

“Este lugar é encantador”, disse ele, “nós devemos chamar o Granizo para uma visita”.

E assim veio o Granizo. Durante três horas todos os dias ele bramava no telhado do castelo até quebrar a maioria das telhas de ardósia, e então corria de novo e de novo em torno do jardim, tão rápido quanto podia. Vestia-se de cinza e seu hálito era como gelo.

“Eu não consigo entender por que a Primavera está demorando tanto a chegar”, disse o Gigante Egoísta ao sentar-se à janela e observar seu jardim branco e gelado. “Espero que haja uma mudança no clima”.

Mas a Primavera não chegou nunca, nem o Verão. O Outono trouxe frutas douradas para todos os jardins, mas para o jardim do Gigante não trouxe nenhuma.

“Ele é muito egoísta”, disse o Outono. Assim, era sempre Inverno no jardim, e o Vento do Norte, o Granizo, a Geada e a Neve dançavam sem parar em redor das árvores.

Certa manhã o Gigante estava acordado, deitado em sua cama, quando ouviu uma música adorável. Soou tão doce para seus ouvidos que pensou que fosse o Rei dos Músicos quem estava passando. Na verdade era apenas um pequeno pintarroxo que cantava do lado de fora da janela, mas fazia tanto tempo que não se ouvia um pássaro cantar em seu jardim, que lhe pareceu ser aquela a mais bela música em todo o mundo. Então o Granizo parou de dançar sobre sua cabeça, o Vento do Norte cessou seu rugido e um perfume delicioso chegou até ele pela janela aberta. “Creio que a Primavera chegou finalmente”, disse o Gigante, pulando da cama e olhando para fora.

E o que ele viu?

Viu a cena mais maravilhosa do mundo. As crianças haviam entrado por um pequeno buraco no muro e agora estavam sentadas nos galhos das árvores. Em toda árvore que ele olhava havia uma criancinha sentada. As árvores estavam tão satisfeitas de terem as crianças de volta que se cobriram com botões de flores, e balançavam os braços gentilmente acima da cabeça das crianças. Os pássaros voavam em volta e gorjeavam, encantados, as flores espiavam e riam por entre a grama verde. Era uma cena adorável e em apenas um canto do jardim ainda era Inverno. Era o canto mais remoto do jardim e nele havia um menino. De tão pequenino, não conseguia alcançar o galho da árvore e perambulava em torno dela, chorando amargamente.

A pobre árvore ainda estava completamente coberta de gelo e neve, e o Vento do Norte soprava e rugia sobre ela.

“Suba, menininho!”, disse a Árvore, e curvou seus galhos o mais baixo que pode, mas o menino era pequeno demais.

Quando o Gigante olhou para fora, seu coração derreteu.

“Como tenho sido egoísta!”, disse, “agora sei porque a Primavera não pôde vir até aqui. Porei esse pobre menininho no topo da árvore, depois derrubarei o muro, e meu jardim será o parque das crianças para todo o sempre”. Ele estava mesmo muito arrependido do que tinha feito.

Desceu as escadas sorratamente, abriu a porta da frente bem devagarzinho e entrou no jardim. Mas quando as crianças o viram, ficaram tão assustadas que saíram todas correndo, e o jardim tornou-se Inverno novamente. Só o menininho não correu, porque seus olhos estavam tão cheios de lágrimas que não viu o Gigante se aproximando. O Gigante parou atrás dele, pegou-o gentilmente pela mão e colocou-o no alto da árvore. A árvore floresceu pela primeira vez e pássaros vieram cantar nos galhos; o menininho abriu os braços, atirou-os em torno do pescoço do Gigante e o beijou. As outras crianças, quando viram que o Gigante deixara de ser mau, voltaram correndo, e com elas veio a Primavera.

“Agora o jardim é de vocês, pequenas crianças”, disse o Gigante, e pegando um grande machado, golpeou o muro até derrubá-lo.

Ao meio-dia, quando as pessoas iam para o mercado, encontraram o Gigante brincando com as crianças no mais belo jardim que já tinham visto. Brincaram durante todo o dia e ao anoitecer elas vieram até o Gigante para se despedir.

“Mas onde está seu pequeno companheiro?”, disse ele: “o menino que eu coloquei na árvore?”. O Gigante o amava mais que aos outros porque ele o havia beijado.

“Nós não sabemos”, responderam as crianças, “ele foi embora”.

“Vocês devem dizer a ele para ter confiança e vir até aqui amanhã”, disse o Gigante. Mas as crianças disseram não saber onde ele morava, e que nunca o tinham visto antes; e o Gigante sentiu-se muito triste.

Todas as tardes, ao terminarem as aulas, as crianças vinham brincar com o Gigante. Mas o menininho a quem o Gigante amava nunca mais foi visto novamente. O Gigante era muito gentil com todas as crianças, embora desejasse muito rever seu primeiro pequenino amigo, falando nele com frequência.

“Como eu gostaria de vê-lo!”, costumava dizer.

Os anos se passaram e o Gigante tornou-se muito velho e fraco. Não podia mais brincar, então se sentava numa imensa poltrona e observava as crianças em seus jogos, admirando o jardim.

“Tenho muitas flores bonitas”, dizia ele; “mas as crianças são as flores mais belas”.

Numa manhã de Inverno, ele olhou para fora da janela enquanto se vestia. Agora já não odiava o Inverno, pois sabia que era simplesmente o sono da Primavera e que as flores estavam descansando.

De repente ele esfregou os olhos, admirado, e olhou repetidas vezes. Era com certeza uma cena espantosa. No canto mais afastado do jardim havia uma árvore repleta de flores brancas. Os galhos eram inteiramente dourados e deles pendiam frutas prateadas, sob os galhos estava o menininho que ele amava.

O Gigante correu pelas escadas com grande alegria, e entrou no jardim. Cruzou a grama, apressado, e chegou perto da criança. Ao chegar bem perto, seu rosto ficou vermelho de raiva, e ele disse: “Quem ousou te ferir?”, pois na palma das mãos da criança havia a marca de dois espinhos, e as marcas de dois espinhos estavam em seus pequeninos pés.

“Quem ousou te ferir?”, bradou o Gigante; “diga-me e eu o matarei com minha grande espada”.

“Não deves!”, respondeu a criança, “pois estas são as feridas do Amor”.

“Quem és?”, disse o Gigante e tomado por grande reverência, ajoelhou-se perante a pequena criança.

A criança sorriu para o Gigante e disse: “Você me deixou brincar em seu jardim uma vez, hoje você deverá vir comigo até o meu jardim, o Paraíso”.

E quando as crianças correram para o jardim naquela tarde, encontraram o Gigante morto sob a árvore, todo coberto de flores brancas.

FIM

Certa manhã, o velho Rato d'Água pôs a cabeça para fora da toca. Seus olhos eram pequenos e brilhantes como contas, os bigodes eram espessos, cor de cinza, e a cauda longa parecia um pedaço de cana-da-índia escura. Alguns patinhos nadavam em bando por perto, na lagoa, parecendo um monte de canários amarelos, e a mãe deles, de um branco puro, com pernas muito vermelhas, tentava ensiná-los como manterem a cabeça erguida fora da água.

“Vocês nunca farão parte da alta sociedade se não conseguirem manter a cabeça erguida”, continuou dizendo a eles; e de vez em quando mostrava como deveria ser feito. Mas os patinhos não prestavam atenção. Eram muito jovens e não sabiam qual a vantagem de pertencer à alta sociedade.

“Que crianças desobedientes!”, exclamou o velho Rato d'Água; “merecem mesmo se afogarem”.

“Nada fora do normal”, respondeu a Pata, “um dia, todos devem começar aprendendo do princípio, e a paciência dos pais nunca é excessiva”.

“Ah! Eu não sei nada a respeito do sentimento dos pais”, disse o Rato d'Água. “Não sou um homem de família. Na verdade, nunca me casei e não pretendo me casar nunca. O amor é muito bom ao seu modo, mas a amizade está muito acima. De fato, não conheço nada no mundo que seja mais nobre ou mais raro que uma amizade dedicada”.

“E quais, diga-me por favor, você imagina serem os deveres de um amigo dedicado”, perguntou o Pintarroxo que ouvira a conversa, pousado num salgueiro próximo,

“Sim, é precisamente isso o que eu quero saber”, disse a Pata; e nadou até o extremo do lago de cabeça erguida, a fim de dar a seus filhos um bom exemplo.

“Que pergunta estúpida!”, exclamou o Rato d'Água. “Devo esperar que meu amigo dedicado seja dedicado a mim, naturalmente”.

“E o que você daria em troca?”, disse o passarinho, balançando-se sobre um ramo prateado, batendo as asinhas.

“Não compreendo”, respondeu o Rato d'Água.

“Deixe-me contar uma história sobre esse assunto”, disse o Pintarroxo.

“É uma história a meu respeito?”, perguntou o Rato d'Água. “Se for, ouvirei, pois sou absolutamente apaixonado por histórias.”

“É aplicável a você”, respondeu o Pintarroxo. Então, desceu voando e acomodando-se sobre o banco, contou a história do Amigo Dedicado.

“Era uma vez”, disse o Pintarroxo, “havia um amigo honesto chamado Hans”.

“Ele era muito distinto?”, perguntou o Rato d'Água.

“Não”, respondeu o Pintarroxo, “não creio que ele fosse nem um pouco distinto, exceto pela espécie de coração que possuía e por ser seu rosto redondo, engraçado e bem-humorado. Vivía sozinho numa pequena cabana e trabalhava todos os dias no jardim. Em toda aquela parte da cidade não havia nenhum jardim tão adorável como o dele. Lá cresciam cravinas, goivos, bolsas-de-pastor e botões-de-ouro. Havia rosas adamascadas e rosas amarelas, açafrão lilás e dourado, violetas brancas e púrpuras. Rosas silvestres e columbinas, agrião-do-prado, manjerona, manjerição selvagem, prímula silvestre, íris, narciso e cravo vermelho brotavam na hora certa, conforme os meses se passavam, uma flor ocupando o lugar da outra, de forma que sempre havia belas coisas a se ver e deliciosos aromas a se aspirar”.

“O pequeno Hans tinha muitos grandes amigos, mas o amigo mais dedicado de todos era o corpulento Hugo, o Moleiro, dono do moinho. De fato, o rico Moleiro era tão dedicado ao pequeno Hans que nunca deixava o jardim sem antes se inclinar por sobre o muro e apanhar um grande ramallete, ou um monte de ervas aromáticas, ou encher os bolsos de ameixas e cerejas, quando era a época”.

“Amigos de verdade devem ter tudo em comum”, o Moleiro costumava dizer, e o pequeno Hans concordava sorrindo, orgulhoso em ter um amigo com ideias tão nobres”.

“É verdade que às vezes os vizinhos achavam estranho que o rico Moleiro nunca tivesse dado nada em troca ao pequeno Hans, apesar de possuir centenas de sacos de farinha estocados em seu moinho, seis vacas leiteiras e um grande rebanho de ovelhas cobertas de lã. Mas Hans nunca preocupou sua cabeça com essas coisas, e nada lhe dava prazer maior do que ouvir todas aquelas coisas maravilhosas que o Moleiro costumava dizer a respeito do altruísmo e da verdadeira amizade”.

“Então o pequeno Hans cultivava o jardim. Durante a primavera, o verão e o outono ele foi muito feliz, mas quando chegou o inverno e não havia nenhuma fruta ou flor para levar ao mercado, sofreu um bom tanto com o frio e a fome, e com frequência tinha que dormir sem jantar, comendo apenas com algumas peras secas ou algumas nozes endurecidas. No inverno, também, ele ficou completamente solitário, pois o Moleiro nunca foi visitá-lo”.

“Não há nada de proveitoso em visitar o pequeno Hans enquanto durar a neve”, o Moleiro costumava dizer à esposa, “porque quando as pessoas passam por dificuldades elas devem ser deixadas em paz em vez de ser incomodadas por visitas. Ao menos é essa minha ideia sobre amizade, e eu tenho certeza de que estou certo. Por isso devo aguardar até que chegue a

primavera, e então farei uma visita, e ele poderá me oferecer uma grande cesta com primulas, o que o deixará muito feliz”.

“Você certamente é muito atencioso com os outros”, respondeu a esposa, sentada na confortável poltrona em frente à lareira, “deveras atencioso. É muito prazeroso ouvi-lo falar sobre a amizade. Tenho certeza de que o próprio clérigo não é capaz de dizer coisas tão belas quanto você, apesar dele viver numa casa enorme e de usar um anel de ouro no dedinho”.

“Mas nós não podemos chamar o pequeno Hans para vir aqui?” disse o filho mais jovem. “Se o pobre Hans passa por dificuldades eu poderei dar-lhe metade do meu mingau, e mostrar-lhes meus coelhos brancos”.

“Que garoto estúpido você é!” exclamou o Moleiro. “Eu não sei mesmo qual a utilidade de mandá-lo à escola. Você parece não aprender nada. Pois, se o pequeno Hans vier até aqui e vir nossa lareira aquecida, nossa ceia, nosso imenso barril de vinho tinto, pode ser que ele fique com inveja, e inveja é a coisa mais terrível que há, e pode arruinar o caráter de qualquer um. Eu certamente não permitirei que a natureza de Hans seja arruinada. Sou seu melhor amigo e sempre o vigiarei, e cuidarei para que nunca seja levado em tentação. Além do mais, se Hans vier aqui, pode ser que ele me peça um pouco de farinha a crédito, e isso eu não posso fazer. Farinha é uma coisa e amizade é outra, elas não devem ser confundidas porque não são o mesmo e significam coisas completamente distintas. Todo mundo pode ver isso”.

“Como você fala bem!” disse a esposa, servindo-se de um grande copo de cerveja morna. “Na verdade, estou até me sentindo sonolenta. É como estar na igreja”.

“Um monte de gente age bem”, respondeu o Moleiro, “mas pouquíssimas pessoas sabem falar bem, o que demonstra que falar é muito mais difícil do que agir e muito mais refinado também”; e dirigiu um olhar severo ao seu filhinho, do outro lado da mesa, que se sentiu tão envergonhado de si mesmo que abaixou a cabeça, todo vermelho, e começou a chorar, derramando lágrimas em seu chá. Apesar disso, ele era tão jovem que não se pode deixar de desculpá-lo”.

“Esse é o fim da história?”, perguntou o Rato d’Água.

“Certamente que não”, respondeu o Pintarroxo, “esse é apenas o começo”.

“Então você está completamente atrasado no tempo”, disse o Rato d’Água. “Todo bom contador de histórias hoje em dia começa pelo fim e então vai para o começo e conclui com o meio. Esse é o novo método. Eu ouvi tudo a respeito disso outro dia, de um crítico que caminhava perto do lago com um jovem. Ele falou longamente sobre o assunto, e tenho certeza de que estava certo, pois ele era careca e tinha óculos azuis, e quando o jovem fazia alguma observação, ele respondia: ‘Bobagem!’ Mas por favor continue com sua história. Estou gostando imensamente do Moleiro. Também tenho todo tipo de sentimentos belos, por isso há grande empatia entre nós”.

“Bem”, disse o Pintarroxo, pulando de uma perna a outra, “tão logo o inverno acabou, e as primulas começaram a abrir suas pálidas estrelas amarelas, o Moleiro disse à esposa que poderia descer e fazer uma visita a Hans”.

“Nossa, como você tem bom coração!” exclamou a esposa, “você está sempre pensando nos outros. E lembre-se de levar uma cesta grande para as flores”.

“Então o Moleiro atou a velas do moinho com uma corrente forte de ferro e desceu a colina com a cesta em seu braço”.

“Bom dia pequeno Hans”, disse o Moleiro”.

“Bom dia”, disse Hans, inclinando-se sobre a pá, com um sorriso largo”.

“E como você passou o inverno?”, disse o Moleiro”.

“Bem, na verdade”, lamentou-se Hans, “é muito bom você ter perguntado, muito bom mesmo. Eu passei por maus momentos, mas agora chegou a primavera e estou plenamente feliz, pois todas as minhas flores vão bem”.

“Nós falamos de você com frequência durante o inverno, Hans”, disse o Moleiro “imaginando como você estaria se saindo”.

“Isso foi gentil de sua parte”, disse Hans. “Tive um pouco de medo de que você tivesse me esquecido”.

“Hans, estou surpreso com você”, disse o Moleiro, “amizade nunca se esquece. Isso é o que há de maravilhoso nela, mas temo que você não entenda a poesia da vida. A propósito, como estão adoráveis suas primulas”.

“Com certeza estão mesmo admiráveis”, disse Hans “e é uma grande sorte para mim tê-las em tão grande quantidade. Vou levá-las ao mercado, vendê-las à filha do prefeito e com o dinheiro, comprar de volta o meu carrinho de mão”.

“Comprar de volta seu carrinho de mão? Você quer dizer que o vendeu? Que coisa mais idiota de se fazer!”.

“Bem, na verdade”, disse Hans, “eu fui obrigado a fazê-lo. Você sabe que o inverno foi muito duro para mim e eu realmente não tinha nenhum dinheiro para comprar pão. Assim, primeiro eu vendi os botões de prata de meu casaco de domingo, depois vendi minha corrente de prata, então vendi meu grande cachimbo, e por último vendi o carrinho de mão. Mas agora estou indo comprar tudo isso de volta”.

“Hans”, disse Miller, “eu te darei meu carrinho de mão. Não está em muito bom estado; na verdade, está faltando um lado, e há alguma coisa errada com o aro da roda, mas apesar disso, vou dá-lo a você. Sei que isso é muita generosidade de minha parte, e um grande número de pessoas me achariam muito tolo por partilhá-lo assim, mas eu não sou como o resto do mundo. Penso que generosidade é a essência da amizade, e, além do mais, tenho um carrinho de mão novinho para mim mesmo. Sim, você pode ficar tranquilo, eu te darei meu carrinho de mão”.

“Bem, isso é muito generoso de sua parte”, disse o pequeno Hans, com sua face redonda e engraçada, repleta de satisfação. ‘Posso consertá-lo facilmente, pois tenho em casa uma prancha de madeira’”.

“Uma prancha de madeira! disse o Moleiro, ‘ora, mas é justamente disso que eu preciso para consertar o telhado do meu celeiro. Há um buraco enorme nele e o milho ficará completamente úmido se eu não der um jeito naquilo. Que grande sorte você ter mencionado isso! É verdadeiramente digno de nota como uma boa ação sempre produz outra. Eu lhe dei meu carrinho de mão e agora você vai me dar a prancha. Naturalmente, o carrinho de mão é muito mais valioso que a prancha, mas, sinceramente, a amizade nunca menciona essas coisas. Por gentileza, pegue primeiro a prancha e eu consertarei meu telhado ainda hoje’”.

“Certamente’, exclamou o pequeno Hans, correndo para dentro de sua choupana e arrastando a prancha para fora”.

“Não é uma prancha muito grande’, disse o Moleiro, ‘olhando para ela, temo que depois de ter consertado o telhado do celeiro não sobrará nada para você usar no carrinho de mão. Mas, naturalmente, isso não é minha culpa. E agora que eu lhe dei meu carrinho de mão, tenho certeza de que você gostaria de me dar algumas flores em retribuição. Aqui está a cesta, e você não se importará de enchê-la completamente’”.

“Completamente?’ disse o pequeno Hans cheio de pesar, porque a cesta era de fato muito grande; ele sabia que se a enchesse não sobrariam flores para levar ao mercado e ele estava bastante ansioso para ter de volta seus botões de prata”.

“Bem’, respondeu o Moleiro, ‘eu realmente lhe dei meu carrinho de mão, e não acho que seja muito pedir algumas flores. Posso estar errado, mas pensava que amizade, amizade verdadeira, estivesse completamente livre de toda espécie de egoísmo’”.

“Meu querido amigo, meu melhor amigo’, exclamou o pequeno Hans, ‘pode ficar com todas as flores do meu jardim. Prefiro sua opinião a meus botões de prata, a qualquer tempo’, e correu colher todas as suas adoráveis primulas e com elas encher o cesto do Moleiro”.

“Adeus, pequeno Hans’, disse o Moleiro, enquanto descia a colina com a prancha em seus ombros e a cesta no braço”.

“Adeus’, disse o pequeno Hans, e começou a cavar alegremente, pois estava muito satisfeito por ter ganhado o carrinho de mão”.

“No outro dia ele estava fixando algumas madressilvas no pórtico quando ouviu a voz do Moleiro chamando por ele da rua. Então, pulou da escada, correu pelo jardim, e olhou por sobre o muro”.

“Lá estava o Moleiro com um grande saco de farinha nas costas”.

“Querido pequeno Hans’, disse o Moleiro, ‘você se importaria em carregar este saco de farinha até o mercado para mim?’”.

“Oh, eu sinto muito’, disse Hans, ‘mas estou mesmo muito ocupado hoje. Tenho todas essas trepadeiras para fixar, todas essas flores para regar e todas essa grama para cortar’”.

“Bem’, disse o Moleiro, ‘na verdade pensei que, considerando que vou lhe dar o meu carrinho de mão, seria perfeitamente descortês de sua parte recusar’”.

“Oh, não diga isso’, exclamou o pequeno Hans, ‘eu não seria descortês por nada no mundo’. Correu buscar seu chapéu e, com dificuldade, carregou o grande saco nos ombros”.

“Fazia um dia muito quente, a estrada estava terrivelmente empoeirada e antes que Hans tivesse chegado ao marco que indicava a sexta milha, teve que sentar para descansar. Mesmo assim prosseguiu bravamente e afinal alcançou o mercado. Depois de ter esperado por lá algum tempo, vendeu o saco de farinha por um preço muito bom e então voltou direto para casa, pois estava com medo que se demorasse pudesse encontrar alguns ladrões pelo caminho”.

“Este foi mesmo um dia duro’, disse o pequeno Hans a si mesmo enquanto ia para a cama, ‘mas estou feliz por não ter recusado o pedido do Moleiro, pois ele é meu melhor amigo, e, além do mais, ele me dará um carrinho de mão’”.

“Cedo na manhã seguinte, o Moleiro desceu para buscar o dinheiro do saco de farinha, mas o pequeno Hans estava tão cansado que permanecia na cama”.

“No meu entender’ disse o Moleiro, ‘você é muito preguiçoso. Realmente, considerando que eu vou lhe dar meu carrinho de mão, penso que você deveria trabalhar mais. A preguiça é um grande pecado e eu certamente não gostaria que nenhum de meus amigos fosse preguiçoso ou indolente. Você não deve se aborrecer por eu falar francamente. É claro que eu nem sonharia em dizer isso se não fosse seu amigo. Mas qual a vantagem da amizade se alguém não pode dizer exatamente o que pensa? Todo mundo pode dizer coisas encantadoras e tentar agradar e lisonjear, mas um amigo sincero sempre diz coisas desagradáveis e não se importa em causar sofrimento. Na verdade, se ele for mesmo um amigo sincero, prefere agir dessa forma, pois sabe que assim faz o que é certo’”.

“Sinto muito’, disse o pequeno Hans, esfregando os olhos e despindo o pijama, ‘mas estava tão cansado que pensei que pudesse ficar na cama um pouco mais, ouvindo os pássaros cantar. Sabia que eu sempre trabalho melhor depois de ouvir o canto dos pássaros?’”.

“Bem, fico feliz com isso’, disse o Moleiro, dando tapinhas nas costas de Hans, ‘porque eu quero que você vá ao moinho

assim que estiver vestido e conserte e telhado do celeiro para mim”.

“O pobre pequeno Hans estava ansioso para trabalhar em seu jardim, pois suas flores não eram regadas há dois dias, mas não queria recusar o pedido do Moleiro, pois este era um grande amigo”.

“Acharia descortês de minha parte se eu lhe dissesse que estou muito ocupado?”, perguntou numa voz tímida e modesta”.

“Bem’, disse o Moleiro, ‘na verdade eu não acredito que seja pedir muito, considerando que eu lhe darei meu carrinho de mão, mas, naturalmente, se você recusar farei eu mesmo”.

“Oh, não seja por disso’, exclamou o pequeno Hans, e, pulando da cama, vestiu-se e foi ao celeiro”.

“Ele trabalhou lá durante todo o dia, até o entardecer, e ao pôr do sol o Moleiro veio ver como estava indo”.

“Já consertou o buraco no telhado, pequeno Hans’ gritou o Moleiro numa voz animada”.

“Está totalmente consertado’, disse o pequeno Hans, descendo as escada”.

“Ah’, disse o Moleiro, ‘não há trabalho tão prazeroso quanto aquele que se faz para os outros”.

“É certamente um grande privilégio ouvi-lo falar’, respondeu o pequeno Hans, sentando-se e limpando a testa, ‘um privilégio muito grande. Mas temo nunca ter tido ideias tão belas quanto as suas”.

“Ah, você as terá’, disse o Moleiro, ‘mas precisa esforçar-se mais. Até o presente você só conheceu a amizade na prática, algum dia também irá conhecê-la na teoria”.

“Acredita realmente que eu poderia?”, perguntou o pequeno Hans”.

“Não tenho dúvida disso’, respondeu o Moleiro, ‘mas agora que você consertou o telhado é melhor ir para casa descansar, pois quero que leve minhas ovelhas à montanha amanhã”.

“O pequeno Hans estava com receio de dizer qualquer coisa a esse respeito, e cedo na manhã seguinte o Moleiro trouxe as ovelhas próximo à cabana e Hans levou-as até a montanha. Ele precisou do dia todo para levá-las até lá e trazê-las de volta, e ao retornar estava tão cansado que dormiu na cadeira, só acordando quando o sol já estava alto”.

“Que horas deliciosas passarei em meu jardim’, disse ele, e antes de qualquer coisa, começou a trabalhar”.

“Mas, de um jeito ou de outro, nunca tinha tempo de cuidar das flores, pois o amigo Moleiro sempre aparecia e o mandava fazer serviços trabalhosos e demorados, ou levava-o para trabalhar no moinho. O pequeno Hans ficava muito aflito às vezes, com medo de que suas flores pensassem que ele as havia esquecido, mas se consolava com a ideia de que o Moleiro era seu melhor amigo. ‘Além do mais’, costumava dizer, ‘ele vai me dar o carrinho de mão, e esse é um ato de pura generosidade”.

“Então o pequeno Hans continuou a trabalhar para o Moleiro, e o Moleiro dizia todo tipo de coisas belas a respeito da amizade, que Hans anotava num caderninho e costumava ler à noite, pois era um estudante muito aplicado”.

“Aconteceu que uma noite o pequeno Hans estava sentado perto da lareira quando ouviu baterem forte na porta. Era uma noite tempestuosa e o vento soprava e rugia ao redor da casa tão terrivelmente que a princípio ele pensou que fosse apenas a tempestade. Mas ouviu a segunda batida e então a terceira, mais alta que as anteriores”.

“Deve ser algum pobre viajante’, disse o pequeno Hans a si mesmo, e correu para a porta”.

“Lá estava o Moleiro com uma lanterna numa mão e um longo bastão na outra”.

“Querido pequeno Hans’, exclamou o Moleiro, ‘estou com um grande problema. Meu filhinho caiu da escada e machucou-se e estou indo ao Médico. Mas ele mora muito longe, e está uma noite terrível, então me ocorreu que seria muito melhor se você fosse em meu lugar. Sabe que lhe darei meu carrinho de mão e assim seria muito amável se você pudesse me fazer algo em troca”.

“Certamente’, exclamou, o pequeno Hans, ‘considero uma grande gentileza sua vir chamar-me e irei agora mesmo. Mas você precisa me emprestar a lanterna, pois a noite está muito escura e eu tenho medo de cair em algum buraco”.

“Sinto muito’, respondeu o Moleiro, ‘mas essa é minha lanterna nova e para mim seria uma grande perda se alguma coisa acontecesse a ela”.

“Bom, não faz mal, irei sem ela’, declarou o pequeno Hans e pegou o grande casaco de pele, o grosso barrete escarlate, amarrou o cachecol em volta do pescoço e partiu”.

“Que terrível tempestade era aquela! A noite estava tão escura que o pequeno Hans mal podia enxergar, e o vento estava tão forte que ele mal conseguia se manter em pé. Contudo, era muito corajoso, e depois de ter andado por três horas, chegou à casa do Médico e bateu na porta”.

“Quem está aí?” exclamou o Médico, pondo a cabeça para fora do quarto”.

“O pequeno Hans, doutor”.

“O que você quer, pequeno Hans?”

“O filho do Moleiro caiu da escada e se machucou, e ele quer que o senhor vá até lá”.

“Certo’, disse o Médico; arrumou o cavalo, as grandes botas, a lanterna, desceu as escadas e cavalgou na direção da casa do Moleiro; o pequeno Hans caminhava atrás dele”.

“Mas a tempestade foi piorando mais e mais, a chuva caía torrencialmente e o pequeno Hans não conseguia ver para

onde estava indo, nem seguir o cavalo. Por fim ele perdeu o caminho, e perambulou pelo pântano, que era um lugar muito perigoso, pois estava repleto de buracos fundos, e, ao cair em um deles, o pobre pequeno Hans afogou-se. O corpo foi encontrado no dia seguinte por alguns pastores, boiando numa pequena lagoa, e eles o levaram até a cabana”.

“Todos foram ao funeral do pequeno Hans, pois ele era muito querido, e o Moleiro liderou o acompanhamento do enterro”.

“Como eu era seu melhor amigo’, disse, ‘é muito justo que ocupe o melhor lugar’, e assim caminhou até início da procissão, vestindo um manto longo e negro; de vez em quando enxugava os olhos com um grande lenço”.

“O pequeno Hans é certamente uma grande perda para todos nós’, disse o Ferreiro quando o funeral já tinha acabado e todos estavam sentados confortavelmente na taverna, bebendo vinho com especiarias e comendo bolos gostosos”.

“Uma grande perda para mim acima de tudo’, respondeu o Moleiro. ‘Ora, tinha praticamente dado a ele meu carrinho de mão e agora realmente não sei o que fazer com aquilo. Está atrapalhando muito em casa e encontra-se em tão mau estado que não conseguirei nada por ele se o vender. Certamente terei mais cuidado em não oferecer mais nada novamente. A pessoa sempre sofre por ser generosa”.

“E então?”, disse o Rato d’Água após uma longa pausa.

“E então esse é o fim”, disse o Pintarroxo.

“Mas o que aconteceu com o Moleiro?” perguntou o Rato d’Água.

“Ah! Eu realmente não sei”, replicou o Pintarroxo, “e tenho certeza de que não me importo”.

“É perfeitamente claro que você não dispõe de nenhuma solidariedade em seu caráter”.

“Temo que você não tenha entendido nada da moral da história”, observou o Pintarroxo.

“Sobre o quê?”, berrou o Rato d’Água.

“A moral”.

“Você está tentando dizer que essa história tem uma moral?”.

“Com certeza”, disse o Pintarroxo.

“Ora, é mesmo?” disse o Rato d’Água, de forma bastante ameaçadora. “Acho que você deveria ter dito isso antes de começar a contar. Se você o tivesse feito, eu com certeza não teria dado ouvido, na verdade, eu deveria ter dito: ‘Bobagem’, como o crítico. De qualquer forma, posso dizer isso agora”.

E então gritou: “Bobagem!” o mais alto que pôde, abanou a cauda ríspidamente e entrou na toca.

“E o que você acha do Rato d’Água?”, perguntou a Pata, que chegou nadando poucos minutos mais tarde. “Ele tem muitos argumentos bons, mas, do meu lado, tenho sentimentos maternos e não consigo olhar para um solteiro inveterado sem que me venham lágrimas aos olhos”.

“Receio tê-lo aborrecido”, respondeu o Pintarroxo. “A verdade é que eu contei a ele uma história que tem uma moral”.

“Ah! Isso é sempre uma coisa perigosa de se fazer”, disse a Pata.

E eu concordo completamente com ela.

FIM

O filho do Rei estava prestes a se casar e por isso havia alegria geral. Ele tinha esperado um ano todo por sua noiva e finalmente ela havia chegado. Era uma princesa russa, que conduziu por toda a viagem, desde a Finlândia, um trenó puxado por renas. O trenó tinha a forma de um grande cisne dourado e entre as asas do cisne repousava a pequena Princesa. O longo manto de arminho se estendia até os pés; na cabeça, trazia um delicado gorro de tecido de prata e sua pele era tão clara quanto o Palácio de Neve em que sempre havia morado. Era tão clara que quando desfilou pelas ruas todas as pessoas ficaram admiradas.

“Ela é como uma rosa branca”, exclamavam, e atiravam-lhe flores das sacadas.

No portão do Castelo o Príncipe esperava para recebê-la. Tinha olhos sonhadores cor de violeta e os cabelos pareciam puro ouro. Quando a viu, dobrou o joelho e beijou-lhe a mão.

“Seu retrato era belo”, murmurou ele, “mas você é mais bela que o retrato”, e a pequena princesa corou.

“Antes ela se parecia com uma rosa branca”, disse um jovem pajem ao companheiro, “mas agora se parece mais com uma rosa vermelha”, e toda a Corte estava maravilhada.

Pelos três dias seguintes as pessoas comentaram, por toda parte: “rosa branca, rosa vermelha, rosa vermelha, rosa branca”, e o Rei ordenou que dobrassem o salário do pajem. Como ele não recebia mesmo nenhum salário, isso não lhe valeu muito, mas foi considerada uma grande honra, e teve grande destaque na *Gazeta da Corte*.

Ao final dos três dias o casamento foi celebrado. Foi uma cerimônia magnífica e os noivos caminharam de mãos dadas sob um dossel de veludo púrpura bordado com pérolas. Então foi oferecido um banquete oficial, que durou cinco horas. O Príncipe e a Princesa sentaram-se na parte superior do grande salão e beberam em taças de cristal límpido. Apenas amantes verdadeiros podem beber nessas taças, pois se lábios com falsidade tocarem-nas, as taças se tornarão cinza, escuras e embotadas.

“É perfeitamente claro que eles se amam”, disse o pequeno pajem, “tão claro como cristal!”, e o rei dobrou-lhe o salário mais uma vez. “Que grande honra!”, exclamaram os cortesãos.

Após o banquete haveria um baile. Os noivos dançaram juntos a Dança da Rosa, e o Rei prometeu tocar flauta. Ele tocava muito mal, mas ninguém nunca ousara dizer-lhe, pois ele era o Rei. De fato, ele sabia tocar apenas duas canções e nunca estava completamente certo de qual estava executando, mas não tinha importância, pois, seja lá o que fizesse, todos exclamavam “Encantador, encantador”.

O último item da programação era uma grande demonstração de fogos de artifício, a ser feita exatamente à meia-noite. A pequena Princesa nunca havia visto fogos de artifício em toda a sua vida, por isso o Rei deu ordem aos Pirotécnicos reais para que dessem especial atenção ao dia do casamento.

“Com o que fogos de artifício se parecem?”, ela havia perguntado ao Príncipe, certa manhã, enquanto caminhavam pelo terraço.

“Eles se parecem com a Aurora Boreal”, disse o Rei, que sempre respondia às perguntas endereçadas a outras pessoas, “só que muito mais naturais. Eu mesmo os prefiro em lugar das estrelas, pois você sempre sabe quando eles surgirão, e são encantadores como a minha flauta. Você não pode deixar de assisti-los”.

Assim, na parte extrema do jardim do Rei, uma grande plataforma foi erguida, e tão logo os Pirotécnicos Reais haviam posto tudo em seus lugares apropriados, os fogos de artifício começaram a falar entre si.

“O mundo é mesmo muito belo”, exclamou um pequeno Buscapé. “Basta olhar para essas tulipas amarelas. Ora! Ainda que fossem bombinhas de verdade, não poderiam ser mais adoráveis. Estou muito satisfeito de ter viajado. Viagens aperfeiçoam o intelecto maravilhosamente e suprimem todos os preconceitos de uma pessoa”.

“O jardim do Rei não é o mundo, seu Buscapé tolo”; disse uma grande Vela Romana, “o mundo é um lugar imenso, e você levará três dias para vê-lo por inteiro”.

“Qualquer lugar que você ame será o mundo para você”, exclamou a pensativa Roda de Santa Catarina, que se sentiu atraída por uma velha caixa de pinho na juventude e vangloriava-se de ter o coração partido, “mas o amor não está mais na moda, os poetas o mataram. Eles escreveram tanto a esse respeito que ninguém mais acredita nele, e isso não me surpreende. Verdadeiros amantes sofrem, e em silêncio. Lembro-me de mim mesma no início, mas isso não importa agora. Romantismo é coisa do passado”.

“Bobagem!”, disse a Vela Romana, “Romantismo nunca morre: é como a lua, e vive eternamente. Os noivos, por exemplo, amam muito carinhosamente um ao outro. Eu ouvi tudo a respeito deles esta manhã de um cartucho de papel marrom, que calhou de estar na mesma gaveta que eu, e sabia das últimas notícias da Corte”.

Mas a Roda de Santa Catarina meneou a cabeça: “o Romantismo está morto, morto, morto”, murmurou ela. Era uma daquelas pessoas que pensavam que, se você disser a mesma coisa de novo e de novo um grande número de vezes, aquilo acabará se tornando realidade.

De repente ouviram uma tosse aguda e seca, e então todos olharam ao redor.

Veio de um Foguete altivo, aparentemente arrogante, que estava preso na ponta de uma estaca comprida. Ele sempre tossia antes de fazer qualquer observação, fazia isso para chamar atenção.

“Aham, Aham”, disse ele, e todos ouviram, menos a pobre Roda de Santa Catarina, que ainda meneava a cabeça murmurando: “o Romantismo está morto”.

“Ordem, ordem!”, gritou um Petardo. Ele era um político, até certo ponto, e sempre tivera parte significativa nas eleições locais, por isso sabia as expressões parlamentares próprias para a ocasião.

“Completamente morto”, sussurrou a Roda de Santa Catarina, e voltou a dormir.

Tão logo se obteve completo silêncio, o Foguete tossiu três vezes e começou a falar.

Falava com voz muito lenta e distinta, como se estivesse ditando um livro de memórias, e sempre olhava por cima dos ombros para as pessoas a quem se dirigia. De fato, ele tinha modos muito polidos.

“Quão afortunado é isto para o filho do Rei”, observou, “que tenha se casado no mesmo dia em que serei lançado. Verdade, se isso tivesse sido previamente combinado, não poderia ter sido melhor para ele, mas um Príncipe tem sorte”.

“Meu Deus!”, disse o pequeno Buscapé, “pensei que fosse justamente o contrário e que nós seríamos lançados em homenagem ao Príncipe”.

“Pode ser, no seu caso”, respondeu ele, “na verdade, não tenho dúvida de que seja assim, mas comigo é diferente. Sou um Foguete Notável, filho de pais notáveis. Minha mãe foi a mais ilustre Roda de Santa Catarina de seu tempo, famosa pela dança graciosa. Quando fez sua grande apresentação pública, girou dezenove vezes antes de se apagar, e a cada volta, lançou pelos ares sete estrelas rosadas. Media três pés e meio de diâmetro e era feita com pólvora da melhor qualidade. Meu pai era um Foguete, como eu, de procedência francesa. Voou tão alto que as pessoas temeram que não descesse nunca mais. Entretanto, por estar bem disposto, ele desceu, e fez a descida mais brilhante de todas, numa abundante chuva dourada. Os jornais escreveram sobre o desempenho usando termos bastante lisonjeiros. Em verdade, a *Gazeta da Corte* chamou-o de ‘triumfo da arte *pilotécnica*’.

“Pilotécnica, pirotécnica, é o que você quer dizer”, exclamou o Fogo de Bengala. “Sei que é pirotécnica, pois vi isso escrito no meu próprio tubo”.

“Bem, eu disse pirotécnica”, respondeu o Foguete, num tom de voz severo, e o Fogo de Bengala sentiu-se tão diminuído que começou a ameaçar os pequenos busca-pés, com a intenção de mostrar que ele ainda era uma pessoa de alguma importância.

“Eu estava dizendo”, continuou o Foguete, “eu estava dizendo... o que eu estava dizendo?”.

“Você estava falando sobre si mesmo”, replicou a Vela Romana.

“Naturalmente, eu sabia que estava discorrendo sobre um assunto interessante quando fui tão rudemente interrompido. Detesto rudeza e maus modos de toda a espécie, porque sou extremamente sensível. Ninguém em todo o mundo é tão sensível quanto eu, tenho plena certeza disso”.

“O que é uma pessoa sensível?” perguntou o Petardo para a Vela Romana.

“É uma pessoa que, por ter calos, vive pisando nos dedos dos outros”, respondeu a Vela Romana, sussurrando baixinho, e o Petardo por pouco não explodiu de tanto rir.

“Com licença, do que você está rindo?”, inquietou-se o Foguete. “Eu não estou rindo”.

“Estou rindo porque sou feliz”, replicou o Petardo.

“É uma razão bastante egoísta”, disse o Foguete, com raiva. “Que direito tem você de ser feliz? Você deveria pensar nos outros. Na verdade, você deveria pensar em mim, e espero que todos os demais façam o mesmo. Isso é o que se chama de solidariedade. É uma bela virtude, e eu a possuo em alto grau. Suponha, por exemplo, que alguma coisa me aconteça esta noite, que desgraça não seria para todos! O Príncipe e a Princesa nunca mais seriam felizes, toda a vida de casados estaria arruinada. E quanto ao Rei, sei que ele não conseguiria superar isso. Realmente, quando começo a refletir sobre a importância de minha posição, quase vou às lágrimas”.

“Se você pretende oferecer divertimento aos outros”, disse a Vela Romana, “é melhor que se mantenha enxuto”.

“Certamente”, exclamou o Fogo de Bengala, que já estava com melhor disposição, “é apenas uma questão de bom senso”.

“Bom senso, de fato”, disse o Foguete, indignado, “você se esquece de que eu sou bastante raro e muito notável. Ora, qualquer um pode ter bom senso, desde que não tenha muita imaginação. Mas eu tenho imaginação, por isso nunca penso nas coisas como elas realmente são; sempre penso nelas como sendo completamente diferentes. Quanto a me manter enxuto, é evidente que não há ninguém aqui capaz de apreciar um temperamento emotivo. Felizmente, para mim, não me importo. A única coisa que sustenta uma pessoa ao longo da vida é a consciência da imensa inferioridade de todos os demais, e esse é um sentimento que eu sempre cultivei. Mas nenhum de vocês tem coração. Aqui estão vocês, rindo e se divertindo como se o Príncipe e a Princesa não tivessem acabado de se casar”.

“Bem, na verdade”, exclamou o Balãozinho, “por que não? Esta é a mais feliz das ocasiões, e quando eu me lançar no ar, pretendo contar às estrelas sobre isso. Você as verá cintilarem quando eu falar a elas sobre este lindo casamento”.

“Ah! Que visão trivial da vida!”, disse o Foguete, “mas é apenas o que eu esperava. Não há nada em você, você é oco, vazio. Ora, talvez o Príncipe e a Princesa vão morar em um país em que exista um rio profundo, e talvez eles tenham apenas um único filho, um lindo menino louro de olhos violeta como o próprio Príncipe; talvez, certo dia, ele vá passear com a babá, e talvez a babá adormeça sob um grande sabugueiro, e pode ser que o garotinho caia no rio profundo e morra afogado. Que terrível desgraça! Pobre gente, perder seu único filho! É realmente muito terrível! Eu nunca me recuperaria disso!”.

“Mas eles não perderam o único filho”, disse a Vela Romana, “nenhuma desgraça ocorreu a eles, de nenhum tipo”.

“Eu nunca disse que havia ocorrido”, replicou o Foguete, “eu disse que poderia ocorrer. Se eles tivessem perdido o único filho, nada mais deveria ser dito sobre o assunto. Odeio pessoas que choram sobre o leite derramado. Mas quando penso que eles poderiam perder o único filho, certamente fico muito afetado”.

“Você certamente fica”, exclamou o Fogo de Bengala, “de fato, você é a pessoa mais afetada que eu já conheci”.

“E você é a pessoa mais rude que eu já conheci”, disse o Foguete, “e não pode compreender a amizade que tenho com o Príncipe”.

“Ora, você nem o conhece”, resmungou a Vela Romana.

“Nunca disse que o conhecia”, respondeu o Foguete. “Ouso dizer que se o conhecesse, não seria seu amigo de forma alguma. É muito perigoso conhecer os amigos”.

“Seria mesmo muito melhor se você se mantivesse enxuto”, disse o Balãozinho, “isso é uma coisa importante”.

“Muito importante para você, sem dúvida”, respondeu o Foguete, “mas eu vou chorar se preferir assim”, e ele realmente explodiu em lágrimas que escorreram estaca abaixo como gotas de chuva e quase afogaram dois pequenos besouros que tinham acabado de decidir morar juntos, e estavam procurando por um lugar seco e agradável para viver.

“Ele deve ter um temperamento verdadeiramente romântico”, disse a Roda de Santa Catarina, “pois chora mesmo quando não há absolutamente nada pelo que chorar”, e deu um suspiro profundo, pensando na caixa de pinho.

Mas a Vela Romana e o Fogo de Bengala estavam completamente indignados, e continuaram dizendo: “Impostor! Impostor!” o mais alto que podiam. Eles eram extremamente práticos e sempre que objetavam contra alguma coisa, gritavam: “Impostor!”.

E então a lua surgiu como um esplendoroso escudo de prata, as estrelas puseram-se a brilhar e um som de música veio do castelo.

O Príncipe e a Princesa estavam presidindo a dança. Dançavam tão lindamente que as brancas e altas flores-de-lis espiavam da janela para assisti-los, e as grandes papoulas vermelhas balançavam a cabeça no compasso da música. Então soaram dez badaladas, onze, e por fim deu meia-noite; então, todos saíram para o terraço e o Rei mandou chamar o Pirotécnico Real.

“Que comecem os fogos”, disse o Rei; o Pirotécnico Real fez uma longa reverência e rumou para o extremo do jardim. Levava seis ajudantes consigo, cada um portando uma tocha na ponta de um longo mastro.

Com certeza foi uma magnífica exibição.

“Whizz! Whizz!”, e lá se foi a Roda de Santa Catarina girando, dando voltas e mais voltas.

“Boom! Boom!”, e partiu a Vela Romana.

Então os Busca-pés dançaram por todos os lados e o Fogo de Bengala fez com que tudo parecesse escarlate.

“Adeus!”, gritou o Balãozinho enquanto era lançado no ar, derramando pequeninas faíscas azuis.

“Bang! Bang!”, responderam os Petardos, que estavam se divertindo imensamente. Todos foram um grande sucesso, exceto o Foguete Notável. Ele estava tão encharcado pelas lágrimas que não pôde ser lançado de forma alguma. O que ele tinha de melhor era a pólvora e esta estava tão molhada pelas lágrimas que não tinha mais nenhuma utilidade. Todos os seus parentes pobres, com quem ele nunca falava sem demonstrar desprezo, explodiram no céu como esplêndidas flores douradas com botões de fogo.

“Huza! Huza!”, clamava a Corte, e a Princesa ria com prazer.

“Suponho que eles tenham me reservado para uma grande ocasião”, disse o Foguete, “não tenho dúvida de que seja isso”.

E olhava ao redor com mais soberba do que nunca.

No dia seguinte os empregados vieram para pôr tudo em ordem.

“Evidentemente trata-se de uma delegação”, disse o Foguete, “eu a receberei com a devida dignidade”, empinou o nariz e franziu bastante o cenho, como se estivesse pensando a respeito de um assunto muito importante. Mas não lhe deram a menor atenção até o momento de irem embora. Então um deles o viu.

“Olhem!”, exclamou, “que foguete imprestável!”, e atirou-o por cima do muro, para dentro do fosso.

“Foguete imprestável! Foguete imprestável!”, disse enquanto rodopiava pelo ar, “Impossível! Foguete notável, foi o que o homem disse. Imprestável e notável soam muito parecido e, de fato, frequentemente são a mesma coisa”.

E caiu no meio da lama.

“Aqui não é confortável”, observou, “mas não há dúvida de que se trata de uma estação de águas da moda, e eles me enviaram para que eu restabelecesse minha saúde. Meu nervos estão verdadeiramente em pedaços e eu exijo descanso”.

Então um pequeno sapo de olhos brilhantes como joias e pele verde malhada nadou até ele.

“Vejo que é um recém-chegado”, disse o sapo. “Bem, afinal não há nada como a lama. Deem-me um tempo chuvoso e um fosso e eu serei plenamente feliz. Acha que choverá à tarde? Com certeza espero que sim, mas o céu está perfeitamente azul e sem nuvens. Que pena!”

“Aham! Aham!” disse o Foguete, e começou a tossir.

“Que voz maravilhosa você tem!”, exclamou o sapo. “Sinceramente, parece um coaxar e esse é, naturalmente, o som mais musical do mundo. Você ouvirá nosso coral esta noite. Nós nos sentamos no tanque do velho Pato, perto da casa do fazendeiro, e tão logo aparece a lua, nós começamos. É tão encantador que todo mundo se mantém acordado para nos escutar. De fato, ainda ontem eu ouvi a esposa do fazendeiro dizer à mãe dela que não conseguia pregar os olhos a noite toda por nossa causa. É o que há de mais prazeroso: ser uma pessoa assim, tão popular”.

“Aham! Aham!”, fez o Foguete, com raiva. Estava muito irritado por não conseguir entrar na conversa.

“Uma voz deliciosa, certamente!”, continuou o Sapo. “Espero que você venha ao tanque dos Patos. Vou sair para procurar por minhas filhas. Tenho seis belas filhas e estou muito apreensivo de que o Lúcio possa encontrá-las. Ele é um perfeito monstro e não hesitaria em comê-las no café da manhã. Bem, adeus. Apreciei muito nosso diálogo, isso eu garanto a você”.

“Nosso diálogo, de veras!”, disse o Foguete. “Apenas você falou o tempo todo, e sobre si mesmo. Isso não é um diálogo”.

“Alguém precisa escutar”, respondeu o Sapo, “e eu gosto de falar o tempo todo sobre mim mesmo. Isso economiza tempo e previne debates”.

“Mas eu gosto de debates”, disse o Foguete.

“Não creio”, respondeu o Sapo, com complacência. “Debates são extremamente grosseiros, pois todos os que pertencem à sociedade têm as mesmas opiniões. Adeus, mais uma vez Estou vendo minhas filhas ali adiante”, e nadou para longe.

“Você é uma pessoa muito irritante”, disse o Foguete, “e muito mal educada. Odeio pessoas que falam sobre si mesmas, como você, quando outras querem falar sobre si mesmas, como eu. É a isso que chamo de egoísmo, e egoísmo é o que há de mais detestável, especialmente para alguém com o meu temperamento, pois sou conhecido por minha índole solidária. Na verdade, você deveria me tomar como exemplo, pois não poderia encontrar modelo melhor. Agora que tem a chance, deveria tirar o melhor proveito disso, pois estou prestes a voltar à Corte. Sou o grande favorito na Corte, na verdade, o Príncipe e a Princesa casaram-se ontem em minha homenagem. Naturalmente você não conhece nada sobre esse assunto, pois é muito provinciano”.

“Não há vantagem em repreendê-lo”, disse a Libélula, que estava sentada no topo de um grande junco marrom, “nenhuma vantagem mesmo, pois ele já foi embora”.

“Bem, o prejuízo é dele, não meu”, respondeu o Foguete. “Eu não vou parar de falar com ele simplesmente porque ele não presta atenção. Gosto de me ouvir falando. Esse é um dos meus grandes prazeres. Costumo ter longas conversas comigo mesmo e sou tão esperto que às vezes não entendo o que estou dizendo”.

“Então você certamente deveria dar aulas de Filosofia”, disse a Libélula e, abrindo as adoráveis asas de gaze, elevou-se nos céus.

“Que estupidez da parte dele não estar aqui!”, disse o Foguete. “Estou certo de que não é com frequência que tem a chance de aprimorar a mente. Não me importo nem um pouco. Gênios como eu com certeza serão apreciados um dia”, e afundou um pouco mais na lama.

Depois de algum tempo uma grande Pata branca nadou até ele. Tinha patas amarelas, com membranas entre os dedos, e era considerada muito linda por causa de seu gingado.

“Quac! Quac! Quac!”, disse ela. “Que forma curiosa tem você! Posso perguntar se nasceu assim ou se isso foi resultado de algum acidente?”

“É perfeitamente claro que você sempre viveu no campo”, respondeu o Foguete, “de outra maneira saberia quem sou. De qualquer forma, desculpe sua ignorância. Seria injusto esperar que outras pessoas fossem tão notáveis quanto eu mesmo. Sem dúvida ficará surpresa ao ouvir que posso voar pelo céu e retornar como uma chuva dourada”.

“Não acho isso grande coisa”, disse a Pata, “pois não vejo qual a utilidade disso para alguém. Agora, se você puder arar os campos como o boi, ou puxar uma carroça, como o cavalo, ou vigiar as ovelhas, como o cão Collie, já seria alguma coisa”.

“Minha boa criatura”, exclamou o Foguete, num tom de voz bem arrogante, “vejo que você pertence às classes mais baixas. Uma pessoa na minha posição nunca é útil. Nós temos muitos talentos, e isso é mais que suficiente. Eu não nutro muita simpatia por nenhum tipo de trabalho, menos ainda por esses serviços que você vê como recomendáveis. Deveras, sempre fui da opinião de que trabalho duro é simplesmente o refúgio daquelas pessoas que não têm nada mais a fazer”.

“Bem, bem”, disse a Pata, que sempre mantinha um temperamento muito pacífico e nunca discutia com ninguém, “cada um tem seu gosto. De qualquer forma, espero que você esteja pensando em manter residência por aqui”.

“Ah, de jeito nenhum!”, exclamou o Foguete. “Sou meramente um visitante, um ilustre visitante. Acho este lugar bastante tedioso. Não existe aqui nenhum tipo de sociedade, nem de privacidade. Na verdade, este lugar é essencialmente suburbano. Eu provavelmente voltarei para a Corte, pois sei que meu destino é fazer muito sucesso no mundo”.

“Eu também já pensei em entrar para a vida pública”, observou a Pata. “Existem tantas coisas que precisam de reformas! Na verdade, presidi uma reunião há algum tempo atrás, e nós aprovamos medidas condenando tudo o que não nos agradava. De qualquer modo, isso não pareceu ter surtido muito efeito. Agora entrei para a vida doméstica e tomo conta apenas de minha família”.

“Fui feito para a vida pública”, disse o Foguete, “bem como todos de minha família, mesmo os mais humildes. Onde quer que um de nós se apresente, chama grande atenção. Eu ainda não me apresentei realmente, mas quando o fizer, será um espetáculo magnífico. E quanto à vida doméstica, isso envelhece muito rápido uma pessoa e desvia a mente das coisas mais elevadas da vida”.

“Ah, as coisas mais elevadas da vida, como são boas!”, disse a Pata. “Isso me faz lembrar o quanto estou com fome”, e nadou pelo ribeirão afora, dizendo: “Quac! Quac! Quac!”.

“Volte! Volte!”, gritou o Foguete, “tenho uma coisa muito importante para dizer a você”, mas a Pata não lhe deu atenção.

“Estou feliz que ela tenha ido”, disse a si mesmo, “ela decididamente tem uma mentalidade de classe média”, e afundou um pouco mais na lama; começava a refletir a respeito da solidão dos gênios quando, de repente, dois garotinhos vestindo macacões brancos vieram correndo ladeira abaixo, com uma chaleira e alguns gravetos.

“Deve ser essa a delegação”, disse o Foguete, e procurou parecer muito respeitável.

“Olhe!”, gritou um dos garotos, “olhe para essa vareta estragada! Gostaria de saber como ela veio parar aqui”, e puxou o Foguete de dentro do fosso.

“Vareta estragada?”, disse o Foguete. “Impossível! Vareta dourada, foi isso que ele disse. Vareta dourada é muito lisonjeiro. Na verdade, ele me confundiu com um dos dignitários da Corte!”.

“Vamos colocá-la no fogo”, disse o outro menino, “vai ajudar a ferver a chaleira”.

Então amontoaram os gravetos todos juntos, puseram o Foguete no topo e acederam a fogueira.

“Isso é magnífico!”, exclamou o Foguete, “eles vão me lançar em plena luz do dia, assim todos poderão me ver”.

“Vamos dormir agora”, disseram, “e quando acordarmos a chaleira já terá fervido”, e os meninos deitaram na grama, fechando os olhos.

O Foguete estava bastante úmido, por isso levou muito tempo para queimar. Entretanto, por fim, o fogo pegou.

“Agora serei lançado”, exclamou, aprumando a postura bem ereta. “Tenho certeza de que irei muito além das estrelas, muito mais alto que a lua, mais alto ainda que o sol. Na verdade, irei tão alto que...”

“Fizz Fizz Fizz!”, e ele foi direto para o céu.

“Delicioso!”, gritou, “subirei assim para sempre. Que sucesso eu sou!”

Mas ninguém o viu.

Então, ele começou a sentir uma estranha sensação de formigamento por todo o corpo.

“Vou explodir agora”, gritou, “e porei fogo no mundo todo, farei tanto barulho que ninguém falará de outra coisa durante o ano todo”.

E ele explodiu, com certeza.

“Bang! Bang! Bang!”, fez a pólvora. Disso não resta a menor dúvida.

Mas ninguém escutou, nem mesmo os menininhos, pois estavam num sono profundo.

Então, tudo o que sobrou dele foi a vareta, que caiu nas costas de um Ganso que estava dando um passeio ao lado do fosso.

“Deus do céu!”, gritou o Ganso. “Está chovendo varetas!”, e correu para a água.

“Eu sabia que causaria grande sensação”, arquejou o Foguete, e expirou.

FIM